

A Vingança de Gaia

José Correa Leite

Milhares de cientistas naturais e especialistas têm, nos últimos anos, participado do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática da ONU (IPCC, em inglês). Em seu quarto relatório, divulgado em 2 de fevereiro de 2007, eles convergiram para um consenso alarmante: as concentrações de dióxido de carbono na atmosfera estão em seu nível mais alto em 650 mil anos, devido à queima de combustíveis fósseis pela ação humana. Elas variavam entre 275 e 285 partes por milhão (ppm), mas hoje estão em mais de 370 ppm. O mais preocupante, no último relatório, é a aceleração da taxa de crescimento do dióxido de carbono na atmosfera: entre 1960 e 2005 a taxa de crescimento foi de 1,4 partes por milhão, mas entre 1995 e 2005 ela aumentou para 1,9 ppm. Isso parece indicar um processo de retroalimentação, em que a Terra está tendo dificuldades crescentes de responder ao aquecimento e reabsorver o carbono, o que poderia indicar até mesmo que o processo já teria fugido ao controle e não teria volta. Mas supondo que não aconteceu, a questão é saber qual vai ser a nova temperatura de equilíbrio - que não está pré-definida.

O IPCC prediz que a temperatura média global subirá entre 1,1C e 6,4C até 2100. Estes cinco graus, que serão definidos pelas mudanças econômicas e societárias das próximas décadas (e nada indica a tendência ao aumento ficar próximo ao piso e não ao teto), correspondem a diferença da temperatura média entre a atualidade e a última Idade do Gelo. Com o enorme agravante que as formas de vida da biosfera do planeta tiveram milhares de anos para se adaptar e se deslocar, acompanhando as mudanças graduais, enquanto agora uma mudança de tal magnitude em um tempo tão curto significará a extinção de grande parte das formas de vida do planeta - acelerando brutalmente o que já está em curso, pois ocorreu uma redução de 30% dos ecossistemas desde 1970. O que está implícito na frieza dos números do IPCC é esta perspectiva de extinção, à qual a humanidade, como a conhecemos, não tem como enfrentar. Se as temperaturas subirem para patamares próximos ao teto apontado pelo IPCC, acima de 3C, como todas as tendências atuais indicam, podemos especular sobre que parcela da população humana poderá sobreviver nas regiões hoje polares, em um planeta totalmente artificial, devastado e em grande medida transformado em desertos escaldantes, apoiando-se em uma produção de alimentos estritamente industrial. Estas são as consequências não explicitadas do prudente relatório da ONU, escrito com o aval dos governos centrais, inclusive o dos Estados Unidos!

A industrialização do mundo se deu com base na premissa de que a natureza constituía um substrato inerte para a ação da sociedade. Mas a biosfera do planeta está se modificando rapidamente sob o impacto da atividade humana, tornando-se cada vez menos favorável à nossa espécie e à quase totalidade das espécies hoje existentes, no que pode ser chamado, como faz James Lovelock, de "vingança de Gaia", o nome metafórico que ele dá ao planeta Terra. De fato, a raiz da crise ecológica global é o padrão insustentável de consumo das sociedades afluentes, e antes de tudo, os Estados Unidos, com sua civilização do automóvel, do desperdício e da obsolescência planejada, com um alto consumo de recursos naturais e sua matriz energética baseada na queima de combustíveis fósseis (petróleo, carvão e gás). Ela é apresentada como modelo para todos os países e mais recentemente seguida celeremente pela elite dominante na China

- já o segundo maior produtor de gases do efeito estufa, seguida pela Rússia e pelo Brasil (devido às queimadas da Amazônia).

O aquecimento global decorrente do aumento da emissão dos gases do efeito estufa (dióxido de carbono e metano) estão ligados a uma complexa cadeia de eventos e manifestações, como o início do degelo das regiões polares e da elevação do nível dos mares (que pode rapidamente se tornar catastrófica e afetar diretamente centenas de milhões de pessoas), o degelo dos glaciares que formam parte importante das bacias hidrográficas do planeta e fornecem a água potável utilizada por boa parte da população (hoje um bilhão de pessoas tem dificuldades sérias de acesso a água potável para suas necessidades diárias, mas segundo o Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), em vinte anos, 60% da população do planeta enfrentará problemas com a escassez de água!), a destruição das florestas, o desmatamento, as queimadas e a expansão da pecuária industrial (responsável pela emissão de 75% do metano da atmosfera, um gás 23 vezes mais destrutivo que o dióxido de carbono!), a má gestão dos solos e dos recursos hídricos, com a erosão e desertificação, e a pesca predatória, com grande perda de biodiversidade e extinções em massa. Tudo isso é agravado pelo situação dos mares, responsáveis pela absorção de 48% do carbono emitido: a acidez das águas dos oceanos tem aumentado rapidamente e, mantido este processo, conduzirá à extinção de boa parte da vida marítima, o que impedirá os oceanos de continuarem cumprindo o papel de absorver o carbono emitido pela humanidade (aspecto que o IPCC não analisou).

E há ainda, a nível global, outra ameaça que os cientistas não sabem dimensionar: as enormes quantidades de metano congeladas em depósitos submarinos nas plataformas continentais e sob o solo congelado da Região Ártica, o *permafrost* da Sibéria. Se este metano for liberado na atmosfera como consequência do aquecimento global, podemos entrar em cenários ainda mais catastróficos, que o IPCC também não analisou - Hubert Reeves, em seu livro *Mal da terra*, fala de três cenários (deserto, *geyger* e Vênus) conforme o ponto de estabilização da temperatura aumentada.

Como lidar com problemas de tamanha complexidade? Horrorizado pelo bombardeio de Hiroshima, Gunter Anders formulou há mais de meio século a mais arguta observação sobre a condição humana na modernidade, atropelada por tantos fenômenos avassaladores. Estamos imersos em uma série de processos que ele chamou de "supraliminares", "acontecimentos e ações que são muito grandes para serem ainda concebidos pelos homens", resultado da defasagem entre os enormes poderes adquiridos pela humanidade e sua incapacidade de vislumbrar as consequências do seu emprego, a estreiteza de sua imaginação social e o caráter destrutivo dos interesses estabelecidos.

O que as pessoas podem perceber, em seu cotidiano são as inúmeras manifestações locais destes macro-processos, por vezes desastres que afetam milhões - da poluição do ar, mares e fontes de água potável à desertificação, dos acidentes com petroleiros e usinas à irracionalidade dos congestionamentos nas grandes cidades, da destruição das florestas à erosão dos solos. Mas a conduta humana foi moldada, em toda a história até bem recentemente, pela capacidade das pessoas agirem no seu espaço de atividade imediato, onde as decisões podiam ser influenciadas pelas expressões imediatas da vida - filtradas pelo olhar da sua cultura, é certo - mas onde podia se manifestar tudo aquilo que prescrevia o comportamento ético: a confiança, a misericórdia, a solidariedade, o cuidado. Mas agora a globalização neoliberal jogou grande parte da humanidade em

uma situação de perplexidade e estupor. O raio de visão humano foi amplificado para a escala planetária pela televisão (e, crescentemente, pela internet), ao mesmo tempo que os fluxos globais de poder se tornam cada vez mais imateriais, invisíveis e velozes. Toda a miséria, crueldade e destruição, próxima e distante, foi despejada na forma de espetáculo para dentro dos lares de bilhões de pessoas simples, que buscam viver sua vida como sempre viveram seus ancestrais e que agora são obrigadas a tomar contato com os intrincados problemas globais do mundo atual. Elas começam a se dar conta, porque alguma informação começa a passar pelo filtro da mídia, que o planeta atravessa uma grave crise ambiental.

Mas como construir a consciência do caráter dramático e candente da crise e, antes de tudo, do aquecimento global? Seu equacionamento está se tornando cada vez mais urgente: se antes a questão era remetida para meio século no futuro, agora os cientistas dizem que impactos importantes já estão surgindo. Estas mudanças serão, de imediato, sentidas como eventos climáticos de violência excepcional, como inundações, tempestades e secas, golpeando antes de tudo as populações mais vulneráveis, mais excluídas - como mostrou o exemplo do Katrina em New Orleans. Este impacto será mediado pela capacidade das estruturas sociais e políticas responderem às catástrofes - e o tsunami de dezembro de 2005 no Índico, embora não tenha causas humanas, mostrou que as sociedades estão totalmente despreparadas para isso. Mas é provável que o que Serge Latouche chama de "pedagogia das catástrofes" só tenha um impacto sistêmico global quando o degelo nos pólos produzir uma elevação do nível dos mares que submerja partes de cidades como Shangai, Londres, Calcutá e Miami. Então, as conseqüências sobre o capitalismo global e a humanidade aparecerão como dramáticas, instaurando um quadro de crise aberta. Enquanto isso, as conseqüências de um mundo mais quente e árido, com variações climáticas mais contrastadas serão sentidas como uma natureza mais inóspita principalmente pelas populações rurais e pelos pobres urbanos, antes de tudo na África e Ásia.

Esta situação coloca problemas praticamente insolúveis no marco da globalização neoliberal: como defender, nos marcos do sistema, que as sociedades pobres não persigam o cobiçado padrão de consumo dos ricos, porque se expandirem seu consumo vão acelerar o esgotamento dos recursos naturais? Como viabilizar que as sociedades ricas repartam voluntariamente suas riquezas com as mais pobres, e reduzam o que consideram seu padrão de vida? Como viabilizar as propostas de desenvolvimento sustentável sob o capitalismo, que requer uma economia em expansão constante? É revelador que o relatório *Living Planet Report 2006*, do Fundo Mundial da Vida Selvagem (WWF), ao mesmo tempo que constata que os ecossistemas do planeta estão sendo degradados a um taxa sem precedentes e que a humanidade pressiona o planeta 25% a mais do que ele pode se regenerar (no relatório de 2004 este nível estava em 21%), afirma que Cuba é o único país do mundo que "cumprir os critérios mínimos" de desenvolvimento sustentável - isto é, que combina um alto índice de desenvolvimento humano (educação e saúde) com um baixo consumo de energia e recursos por sua população. Mas, mesmo não entrando na questão do seu regime político, que parte da população dos países centrais ou das classes médias afluentes da periferia pode aceitar Cuba como modelo de civilização?

A dificuldade de encontrar uma saída é real. O rápido aumento do efeito estufa só pode ser arrefecido se a crescente quantidade de gás carbônico lançado na atmosfera for "seqüestrada", isto é, enterrada pelo planeta através do crescimento da vegetação,

principalmente das floresta, e recuperada pela vida marinha. Este é o propósito do Tratado de Kyoto, ao criar um mercado global de compra e venda de "direitos de poluir": de forma simplificada, quem polui tem que garantir o reflorestamento em alguma parte. Mas ele não tem impedido o aumento das emissões, que passaram de 6,4 bilhões de toneladas ao ano na década de 1990 para 7,2 bilhões nesta década. Se a situação do Brasil e da América Latina é, comparativamente, a melhor (por se abastecerem por fontes renováveis, principalmente hidroelétricas), os países centrais e, crescentemente, a China e a Índia dependem cada vez mais de termoelétricas (exceto a França, que extrai sua energia de usinas nucleares - o que coloca outro tipo de problemas).

Além disso, o petróleo continua sendo o oxigênio do capitalismo global, porém com perspectivas de escassez a médio prazo. Como afirmam Sergio Ferolla e Paulo Metri, autores de *Nem todo petróleo é nosso*, "se até recentemente sua abundância ilimitada era apregoada e defendida pelo 'mercado' e seus arautos bem remunerados, assim como os países da OPEP, interessados na manutenção de altas cotas de exportação, hoje, há um quase consenso sobre a crise iminente, do FMI ao *Financial Times*, passando por Alan Greenspan e renomados bancos de investimento. .. Discorda-se sobre o ano em que a produção mundial de petróleo passará pelo seu ponto máximo, pois alguns acham que já o atingimos, enquanto outros estimam que o alarmante pico acontecerá até 2015, ano a partir do qual o preço do barril deverá disparar... Dentre as conseqüências previsíveis, pode-se vislumbrar uma recessão mundial" (*A quem pertence o futuro?*). Se o preço do petróleo subir demais, a China provavelmente aumentará o uso do carvão na geração de energia, ainda mais poluidor!

De outro lado, fontes de energia renováveis como a solar e a eólica são, no atual patamar tecnológico, muito mais caras (na melhor hipótese, duas ou três vezes mais) e, de qualquer forma, não são perenes, tendo que ser complementadas por fontes perenes. No caso de grande parte do hemisfério norte, podem apenas ajudar a atenuar o problema do uso de combustíveis fósseis. As opções hidroelétricas são cada vez mais escassas. Foi este impasse, a curto prazo, que fez com que James Lovelock, o formulador da teoria de Gaia (a biosfera da Terra como um sistema auto-regulado pela vida para favorecer a continuidade da vida), bastante cético com relação à efetividade do movimento ambientalista, defendesse o uso da energia nuclear para a geração de eletricidade como solução de transição, enquanto a tecnologia não viabilize outra matriz energética. O movimento ambientalista afirma que não existe interesse dos setores capitalistas dominantes em investirem no aprimoramento tecnológico destas fontes de energia renováveis. O etanol e o biodiesel, apresentados como alternativas, de fato também são apenas complementares.

Embora Kyoto deva ser defendido, inclusive por seu efeito pedagógico para a população mundial, nada indica que a emissão de CO₂ vá ser globalmente contida. O Tratado é impulsionado principalmente pela União Européia, que reestrutura sua matriz energética para reduzir a dependência do petróleo antes que seu preço atinja níveis exorbitantes. Mas os Estados Unidos estão planejando a construção de 150 novas termoelétricas e a China de 500! Mesmo que a política ambiental de Bush seja substituída pela que vem sendo recentemente preconizada por Al Gore nos EUA (o que não é descartado), a China em breve se tornará o maior emissor de gases de efeito estufa do mundo. O Brasil ficou fora do foco do Tratado de Kyoto porque este só tratou das emissões industriais; mas nosso país é um importante poluidor quando são computadas as queimadas nas

emissões de gás carbônico, essencialmente as da Amazônia - que só mais recentemente foram quantificadas com precisão. Mas não há solução para a preservação das florestas brasileiras sem uma mudança radical do modelo econômico vigente, capaz de penalizar o agronegócio, barrando a produção de soja e a pecuária e contendo desde as madeireiras até a Vale do Rio Doce, dos grileiros aos chefes indígenas corruptos. E não só o modelo econômico, mas o próprio pacto federativo: estes interesses controlam governos municipais e estaduais na região e só poderão ser contidos a partir de uma intervenção federal imposta de fora (dialogando, é claro, com setores da população hoje sem poder, que podem respaldar um modelo de atividade econômica sustentável na floresta). Mantida a política atual, o Brasil será levado a se transformar na prática, independente do discurso governamental sobre o álcool e o biodiesel como combustíveis menos poluentes, em um grande adversário da renegociação de Kyoto para depois de 2012, já iniciada - talvez até mais que os Estados Unidos! Por fim, conter a expansão da economia do automóvel, responsável pela emissão de um quarto dos gases poluentes, parece fora de questão para todos no capitalismo global (que, no máximo, falam de carros elétricos e a hidrogênio) e inclusive no Brasil. Será que o governo, os empresários e os sindicatos aceitarão uma política de desestímulo da produção brasileira de automóveis? Enquanto isso, o transporte coletivo está estrangulado em boa parte dos países - na cidade do Rio de Janeiro, os trens suburbanos, que já transportaram um milhão de passageiros, hoje carregam apenas quatrocentos mil.

O problema do aquecimento global é a face mais visível de outro problema mais geral, o da sustentabilidade estrutural no uso dos recursos naturais, produção de alimentos e preservação dos ecossistemas e da biodiversidade. O avanço da mercantilização e da desregulamentação sob a globalização multiplicou tanto os problemas associados ao consumo desenfreado das populações ricas, quanto à degradação ambiental associada ao crescimento das populações enfrentando condições de vida precárias.

Uma parte do movimento ambientalista é atraída pela ideologia romântica de uma vida bucólica, onde o "small is beautiful". Mas isso é totalmente irrealista. A condição de *vida urbana* se tornou, pela primeira vez na história, a condição normal de existência da maioria da humanidade, outra mudança social avassaladora em curso e esta está associada à perspectiva de um certo conforto material, o que exige algum patamar de consumo de energia e recursos naturais. Ela tem *três dimensões específicas*, que qualquer projeto transformador deve levar em conta. A *inicial* é que uma parte decisiva dos problemas ambientais que atingem hoje a maioria da população se vinculam à urbanização acelerada e caótica, ao crescimento da massa de excluídos em grandes metrópoles da periferia - o "planeta favela", como denominou Mike Davis.

Este enorme e multifacetado *pobretariado* (o termo é de Michael Löwy) vive, cada vez mais, em grandes cidades, metrópoles e megalópoles principalmente (mas não só) da periferia do sistema, tão bem descritas por Mike Davis. Há hoje mais de 400 cidades com mais de um milhão de habitantes, sendo 166 na China, e 26 cidades com mais de oito milhões de pessoas. "As cidades serão responsáveis por quase todo o crescimento populacional do mundo cujo pico, de cerca de dez bilhões de habitantes, espera-se que aconteça em 2050. E 95% deste aumento ocorrerá nas áreas urbanas dos países em desenvolvimento, cuja população dobrará para quase quatro bilhões de pessoas na próxima geração" (*Planeta favela*, p. 14).

Conurbações como as que estão se desenvolvendo na Ásia (Jacarta, Daca, Karachi, Shangai e Mumbai) terão, em 2025, entre 25 e 33 milhões de habitantes, concentrando problemas ambientais e pobreza em um grau jamais visto, mas a situação não será melhor nas metrópoles africanas e em algumas latino-americanas. A urbanização se desvinculou da industrialização, sendo acompanhada pelo crescimento da informalidade. "As políticas de desregulamentação agrícola e de disciplina financeira impostas pelo FMI e pelo Banco Mundial continuaram a gerar o êxodo da mão-de-obra rural excedente para as favelas urbanas... A 'superurbanização'... é impulsionada pela reprodução da pobreza, não pela oferta de empregos" (*Planeta favela*). Como resultado, o número de favelados do mundo deverá duplicar dos atuais um bilhão para dois bilhões nas próximas décadas. E isso ocorrerá também na América Latina.

Esta urbanização insustentável - econômica, social e ecologicamente - está produzindo uma brutal degradação das condições de vida de bilhões de pessoas. Não estão mais lidando com setores da classe trabalhadora agrupados em locais de trabalho, mas com vastas massas urbanas, com enormes carências que não tem nenhuma possibilidade de serem atendidas pelo sistema, mas também sem perspectiva de voltarem para seus modos de vida tradicionais.

A dimensão *seguinte* é a do poder de atração das cidades, que continuará irresistível. A vida urbana seguirá sendo, em um futuro previsível, a possibilidade de fuga de condições opressivas da vida tradicional e a sedução do dinamismo existencial, cultural e político, da diversidade e do convívio que a cidade pode propiciar. Bauman lembra que "cidade e mudança social são quase sinônimos. Mudança é a qualidade da vida na cidade e o modo de existência urbana. Mudança e cidade podem, e certamente devem, ser definidos em referência um ao outro". Também que "é comum definir cidades como lugares onde estranhos encontram-se, permanecem na proximidade uns dos outros e interagem por um longo tempo sem pararem de ser estranhos uns aos outros... [sendo] o capitalismo uma produção em massa de estranhos". E, por fim, que "a densidade da ocupação do espaço resulta na concentração de necessidades. E assim as questões colocadas na cidade não se colocam em outras partes... Enfrentar problemas e colocar questões apresenta um desafio e amplifica a inventividade urbana a limites sem precedentes" (*City of fears, city of hopes*, p.5-8).

Bauman desenha este diagnóstico para lembrar que a vida urbana sob o neoliberalismo é marcada pela disputa entre a mixofobia (o medo de se misturar com estranhos) e a mixofilia (a atração que a vida urbana provoca justamente porque nos coloca perante outros). Escapar do medo dos estranhos, ainda mais estranhos do que no passado, da escalada da violência, do aumento da criminalidade - imaginário ou real - leva ao caminho da segregação espacial e social, da guetização da cidade. Os estranhos tendem a aparecer cada vez mais assustadores. Mas a mesma experiência que repele, atrai. A cena urbana, na qual nunca faltam novidades e surpresas, tem um charme e um poder sedutor difícil de resistir. Quando maior e mais heterogênea a cidade, mais atrações ela pode oferecer, mais ela se torna o poderoso imã de uma sempre renovada coorte de homens e mulheres entediados com a monotonia da vida rural e das pequenas cidades, com sua rotina repetitiva. A variedade é uma promessa de oportunidades, capaz de satisfazer muitos gostos e desejos, com sua diversidade cultural, étnica, sexual, comportamental.

Como sair do círculo vicioso de mixofobia e mixofilia? Como evitar que a segregação e a paranóia alimentem a si próprias e sejam profecias auto-realizáveis? As grandes metrópoles são o lugar de expressão das ansiedades e apreensões geradas pela insegurança e incerteza induzidas globalmente. Mas é igualmente o campo de treinamento, o único possível no mundo atual, onde os meios para se dispersar a incerteza e a insegurança pode ser experimentados, testados e eventualmente aprendidos e adotados. "É na cidade que estranhos - que no espaço global se confrontam como estados hostis, civilizações inimigas ou adversários militares - se encontram como seres humanos individuais, observando um ao outro no quarteirão seguinte, falando entre si, cada um aprendendo os costumes dos outros, negociando as regras da vida em comum, cooperando e cedo ou tarde se acostumando à presença um do outro e, em um número crescente de ocasiões, encontrando prazer na companhia compartilhada. Depois deste treinamento local, a relação com estranhos pode ser muito menos tensa e apreensiva, quando se tenha que manejar negócios globais... A fusão de horizontes [a construção de horizontes cognitivos comuns através da acumulação de experiências de vida compartilhadas] é um projeto muito mais realista se perseguido (mesmo se por tentativas e erros e com sucessos apenas parciais) nas ruas das cidades" (*City...*, p. 38), do que na confrontação armada entre "inimigos", entre civilizações em choque.

Mas Mike Davis lembra uma *última* dimensão da questão urbana, a transformação das cidades em uma solução para a crise ambiental global. Em termos abstratos, "a densidade urbana pode traduzir-se em maior eficiência do uso da terra, da energia e dos recursos naturais, enquanto os espaços democráticos e as instituições culturais também oferecem padrões de diversão de qualidade superior ao consumo individualizado e do lazer mercadorizado. No entanto... tanto a eficiência ambiental quanto a riqueza pública exigem a conservação de uma matriz verde de ecossistemas intactos, espaços abertos e serviços naturais: as cidades precisam da aliança com a natureza para reciclar seus dejetos e transformá-los em matéria-prima utilizável na agricultura, na jardinagem e na produção de energia. O urbanismo sustentável pressupõe a preservação da agricultura e dos alagados circundantes. Infelizmente, as cidades do Terceiro Mundo, com poucas exceções, poluem, urbanizam e destroem sistematicamente os seus sistemas fundamentais de apoio ambiental" (*O planeta favela*, p.139).

As cidades devem, portanto passar por uma verdadeira revolução em suas estruturas, eliminando sua apropriação pelo consumo desenfreado das populações ricas. Sistemas eficientes de transportes coletivos (e penalização do automóvel particular), viabilização de áreas verdes para todos, garantia a todo custo da integridade das áreas de proteção ambiental, sistemas generalizados de saneamento e de reciclagem e utilização muito mais eficiente de energia são alguns aspectos urbanos de uma política de sustentabilidade estrutural no uso dos recursos naturais.

A sustentabilidade ambiental exige mudanças ainda mais radicais nos modelos de vida, capazes de promover a desconstrução da ideologia e das práticas consumistas. Desestímulo e, em diversos casos, proibição à publicidade; proibição da obsolescência planejada (impondo garantias de duração e de tempo de uso prolongados, com uma ampliação radical dos direitos do consumidor); proibição do uso de certos materiais que não possam ser reciclados; generalização das práticas de reciclagem e reutilização; imposição de padrões de eficiência no uso de energia; combate às poluições do ar, da água e dos mares; estímulo ao transporte ferroviário, fluvial e naval de longa distância e desestímulo radical ao rodoviário e ao aéreo.

Os problemas do modo de vida consumista tem se agravado. Não se trata apenas do problema da poluição e do tráfego nas grandes metrópoles, ou do desperdício de recursos, mas da própria saúde pública. Eduardo Galeano, em uma crônica recente, lembra que "segundo a revista científica *The Lancet*, na última década a 'obesidade mórbida' aumentou quase 30% entre a população jovem dos países mais desenvolvidos. Entre as crianças norte-americanas, a obesidade aumentou 40% nos últimos dezesseis anos, segundo pesquisa recente do Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Colorado" (*O império do consumo*).

Temos também o desafio de preservar áreas vitais ou ecossistemas em risco, o que exigirá intervenções drásticas do Estado central para impor alteração nas práticas predatórias já estabelecidas nas regiões - o que pode significar moratórias, realocação de atividades, etc. Precisamos igualmente controlar a pesca para transformá-la em uma atividade sustentável (novamente incluindo moratórias compulsórias) . E, finalmente, desmontar a pecuária existente, altamente predatória, e reorganizá-la sob novas bases, mais modestas e não industriais, em consonância com novos hábitos alimentares - segundo a FAO, hoje cada quilo de carne de um animal alimentado com ração exige o consumo de 15 mil litros de água, enquanto um ser humano necessita entre dois e cinco litros diários. Este conjunto de medidas relativas aos padrões de consumo e manejo de ecossistemas tem que promover uma desamericanização dos modos de vida, o estímulo ao qualitativo e não ao quantitativo, a valorização de um crescente tempo livre como espaço de educação, cultura e esporte.

Enfrentar as questões ambientais exige, então, modificações radicais no que a humanidade compreende como civilização. Para começar, temos o problema do confronto entre o tempo dos processos naturais, físicos e biológicos, os ritmos de renovação da vida, e o tempo acelerado da economia capitalista e seus critérios reducionistas, quantitativos, de valorização. Revela-se cada vez mais ingênua a idéia de que as necessidades de uma humanidade maior poderiam ser solucionadas por uma combinação de progresso técnico e crescimento ilimitado da economia - mesmo sob uma sociedade não capitalista (e as experiências do socialismo real, em particular da ex-União Soviética, são completamente desastrosas; a destruição do Mar de Aral, para irrigar plantações de algodão, não foi em nada menos destrutiva do que a Transamazônica) . Segundo o WWF, entre 1961 e 2003 o consumo de recursos naturais pela humanidade triplicou. A humanidade já está consumindo recursos que não poderão ser repostos para as gerações futuras. É necessário, sob qualquer cenário, sob qualquer sistema econômico, desestimular a expansão da população - embora, é claro, hoje um norte-americano tenha um impacto equivalente a centenas de africanos. Mas, na "transição demográfica", já efetuada por grande parte dos países centrais, se expressa não só as contradições da sociedade capitalista, mas também distintas tradições culturais e religiosas, em particular a autonomia das mulheres e seu controle sobre sua capacidade reprodutiva. Hans Jonas já nos alertou para a necessidade de fundar a ética do presente no compromisso com as gerações futuras, o "princípio responsabilidade". Ao que se agrega que os critérios de rentabilidade mercantil tornam a capacidade de previsão e controle mínima e, na ausência da adoção do princípio da precaução, produzem efeitos imprevisíveis, por vezes catastróficos.

A questão ambiental já se tornou e se transformará cada vez mais no foco da disputa central de modelos de sociedade, tomada em escala global. Temos, em primeiro lugar, o esforço de manutenção do atual capitalismo predatório das finanças globais, da

economia do petróleo, do carvão e do automóvel, do consumo desenfreado, etc. É o modelo Bush, hegemônico entre os setores dominantes nos grandes atores estatais do planeta (EUA, China, Rússia e Índia, embora de forma um pouco mais cautelosa na Europa e no Japão), que está impulsionando a degradação do planeta e produzindo imensos custos ecológicos e humanos - que manterão, no fundamental, seu rumo inalterados no futuro próximo. Em todos estes casos, o poder estatal é controlado por classes capitalistas e elites políticas solidamente comprometidas com a globalização neoliberal e hoje ainda relativamente solidárias entre si. Isso que deu base para que Leslie Skair falasse da formação de uma classe capitalista transnacional, que podemos, simbolicamente, chamar de a classe de Davos. Há hoje, de fato, a convergência de interesses de um bloco social heterogêneo, mas solidamente instalado no poder, o capital financeiro, mas também uma série de ramos industriais - o complexo petróleo-automóvel, a petroquímica, o papel e a celulose, as mineradoras, a agro-indústria, o complexo industrial-militar -, comprometido não só com a manutenção do modelo neoliberal, mas, mais ainda, com o modelo norte-americano, cujos tentáculos se espalham por todo o planeta. É bastante significativo que a opção das classes dominantes da China e Índia seja por estender o modelo de consumo norte-americano para uma parcela de sua população, o que agrega um explosivo elemento suplementar de crise planetária, além de ampliar enormemente os custos sociais para suas populações. E que mesmo o reerguimento da Rússia esteja se dando como fornecedora de energia e insumos para a Europa.

No extremo oposto temos, pelo menos teoricamente, as correntes da "ecologia profunda", que propõe o retorno a um passado pré-industrial - indo de variantes românticas, com a volta à vida em pequenas comunidades, às anti-humanistas, que tratam nossa espécie como uma infecção da Terra, que tem que ser debelada, ainda que com a eliminação do vírus. Politicamente marginais, elas tem, todavia, peso no movimento ambientalista.

Mas temos também uma terceira alternativa, a reforma dentro do sistema, um capitalismo sustentável, baseado em uma matriz de energias renováveis e em um contínuo desenvolvimento tecnológico impulsionado pela informática. Al Gore batizou sua proposta, uma das variantes deste projeto, de *the energy electronet*, por analogia à internet, pela qual o suprimento global de energia, baseadas em muitas pequenas fontes alternativas, é gerenciado por grades flexíveis e inteligentes de distribuição de eletricidade. Este projeto pode ser concebido com rupturas maiores ou menores com o consumismo atual (por exemplo, com ênfases maiores ou menores nos serviços de saúde, cultura, etc, maiores ou menores no consumo de bugigangas, carros etc). Talvez esta combinação de tecnologias e interesses se torne factível para ser difundida em escala global em algumas décadas, mas na atualidade a proposta de um capitalismo limpo só poderá se impor - globalmente - a partir da perda da centralidade dos ramos hoje dominantes na economia mundial. Como reverter a direção do surto industrialista atual da China, por exemplo? Isso significa, para usar uma metáfora schumpeteriana, uma gigantesca vaga de "destruição criativa" no capitalismo, com crises econômicas, desemprego ainda maior, crescimento do protecionismo e todas as loucuras que acompanham estas crises (guerras, xenofobias, etc).

Temos ainda uma última possibilidade, a mudança de modelo no sentido de uma sociedade pós-capitalista, pós-industrial e pós-consumista, a partir de uma ampla desmercantilização do mundo - retomando a tradição dos projetos socialistas e

trabalhando contradições que podem ter um papel cada vez mais decisivo no capitalismo global. Mas para isso, esse projeto tem que ser capaz de competir com a "proposta Al Gore". Ou seja, tem que ser uma alternativa não só para os excluídos, mas uma proposta atrativa também para amplos setores afluentes sensíveis às questões ambientais, de qualidade de vida e do acesso ao conhecimento, nos países centrais e em alguns pólos da periferia. Sua construção só pode ser o resultado de uma aliança entre as massas pauperizadas e os trabalhadores, de um lado, e amplas parcelas das classes médias, de outro; entre parcelas das populações dos países periféricos, de um lado, e parcelas das populações dos países centrais, de outro. É um projeto factível a partir da apropriação, sob outras bases, da revolução tecnológica em curso, com o dinamismo de uma sociedade sustentável se apoiando na educação, saúde, arte, cultura, esporte, cuidado com a natureza, pesquisa científica voltada para estas finalidades. E uma substancial redução da jornada de trabalho - de modo que essas atividades possam ser, em boa medida, desenvolvidas como atividades livres e trabalhos não remunerados compartilhados. Isto é, para usar uma linguagem de Marcuse em *Eros e civilização*, de um modo de vida baseado não no princípio do desempenho, mas no da gratificação, do cuidado, do gozo, do lúdico.

A crítica ecológica aponta claramente para a irracionalidade da sociedade capitalista, com o consumo supérfluo como ideal de felicidade, e para a impossibilidade de difundir o padrão hoje existente nos países centrais, que teria que ser redefinido, reduzindo o dispêndio de energia e recursos naturais. Comentando as mudanças climáticas, Pierre Rousset afirma que, "para serem minimamente efetivas, as medidas afetam imediatamente a organização da produção. Elas não podem se contentar em serem 'elementares'. Por exemplo, reduzir de forma significativa as emissões dos gases do efeito estufa implica na reorganização do setor energético, mas também na do transporte - e assim na do comércio mundial - e então na da agricultura (mais camponesa e menos industrial) - e em novas políticas urbanas e de desenvolvimento rural. Isso não decorre de um vínculo artificial ou 'maximalista'. Não podemos alterar radicalmente o consumo de energia no sentido exigido, sem também confrontar a questão do transporte (de mercadorias, de pessoas entre suas casas e locais de trabalho), da localização da produção e dos modos de consumo (com a decorrente revolução cultural). As medidas de emergência (eu sublinho, emergência) implicam uma lógica que rompe com a do capitalismo. Esta é uma das especificidades da questão climática que está ligada a seu caráter global (tanto na origem como nas conseqüências) . Dada a gravidade da crise climática (para a espécie humana), sua amplitude e a natureza do problema colocado, é como se o 'programa máximo' se tornasse o 'programa mínimo', aproximando a dinâmica de transição que normalmente permitiria o vínculo entre os dois na luta. A ruptura com o capitalismo aparece, de forma completamente lógica, como a resposta 'elementar' para a questão colocada. A contradição com a qual somos confrontados é que a perspectiva socialista não parece sempre uma alternativa palpável. Há, então, uma tensão específica entre as demandas concretas ('é vital agir agora') e a credibilidade das soluções reais" (*Tsunami, Katrina, Kashmir: Reflection on a series of disasters*).

Uma conclusão similar é tirada por Chesnais. "Qualquer um que começa a se interessar pelas questões da mudança climática e da destruição dos recursos do planeta, compreende muito rapidamente que não são apenas mudanças marginais que serão exigidas dos países avançados, no seu modo de vida cotidiano e na sua organização social, mas uma transformação copernicana. Toda a organização da vida social terá que ser repensada" (*L'irrationalité du capitalisme au coeur de la crise de civilisation*

planétaire). As tendências em curso apontam para uma multifacetada crise ecológica que escalará até atingir proporções catastróficas, crise para a qual a única saída é uma grande mudança sócio-econômico- política. Os problemas são reais, de muito difícil solução e seus impactos cada vez mais visíveis e traumáticos. Como outro modelo de desenvolvimento ecologicamente sustentável significa uma ruptura profunda com a lógica do mercado, hoje muito improvável, possivelmente a "pedagogia das catástrofes" produzirá um amplo debate de sociedade e alimentará opções políticas mais radicais.